

CONJUNTURA

Números da OCDE mostram que ritmo da economia brasileira diminuirá. Crise de empregos derruba bolsas de valores no mundo

Crescimento continua, mas terá fôlego menor

DA REDAÇÃO

Manuel Balce Ceneta/AP - 14/4/07

O crescimento da economia brasileira dá sinais de perder fôlego. Dados divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostram que a alta nos principais indicadores econômicos de julho, comparada com a dos seis meses anteriores, foi inferior à que vinha sendo registrada. Segundo a OCDE, os países ricos também dão sinais de queda de atividade. Apenas Rússia, China e Índia continuam a acelerar o crescimento. Os dados são do período que antecedeu a turbulência nas bolsas de valores e, mesmo assim, já apontam uma queda. Esse cenário tem fortes possibilidades de se consolidar agora, a partir da crise nos Estados Unidos (leia texto abaixo).

O índice criado pela OCDE é composto por dados como produção industrial, comércio, bolsas de valores e exportações. Ao avaliar a expansão de atividade produtiva ou recessões, o índice aponta tendências nas diferentes economias e pode antever os rumos que a produção tomará. O índice da OCDE ainda serve como alerta. Segundo os especialistas, uma queda ou crescimento do PIB ocorre cerca de seis a nove meses depois de a taxa da OCDE já ter indicado qual será o rumo dessa economia.

No caso do Brasil, a OCDE alerta para uma estagnação em



RODRIGO DE RATO, DO FMI, PREOCUPADO: "ESSE É UM PROBLEMA SÉRIO"

relação aos números de junho e julho em 136,2 pontos. O problema é que o ritmo de crescimento diminuiu. Entre janeiro e junho, a alta no índice havia sido de 11,9%. Já entre fevereiro e julho, o aumento foi de 10,2%. Segundo Ronny Nielsson, economista da OCDE, a queda relativa ocorre pelo fraco desempenho ou estagnação do crescimento de quatro dos cinco indicadores avaliados sobre a economia brasileira: desempenho das bolsas, das exportações, do comércio e das ordens (encomendas) feitas pela indústria. "O único indicador com taxa positiva é o de produção, que continua a crescer", afirmou.

No que se refere aos países ricos, o alerta é de uma desaceleração do crescimento nos próxi-

mos meses. Os dados de julho demonstram uma perda de força nas atividades em comparação a fevereiro em praticamente todas as sete maiores economias do mundo. A queda foi registrada depois de uma alta inesperada nos primeiros meses do ano e que chegou a criar um sentimento entre economistas de que a desaceleração não iria ocorrer.

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Rodrigo de Rato, disse ontem, na Itália, que espera uma revisão para baixo das estimativas de crescimento para este ano e 2008 devido à turbulência global do crédito. "Os desdobramentos (da crise imobiliária nos Estados Unidos) terão consequências para a economia real", disse Rato em uma

entrevista nos bastidores de uma conferência econômica. "As revisões para baixo devem ser maiores para os Estados Unidos, mas também podemos ver algum impacto na zona do euro e no Japão. Esse é um problema sério", disse, acrescentando que o impacto para 2008 dependerá da duração da turbulência do mercado. Qualquer crise que afete os grandes agentes econômicos do mundo pesará sobre o Brasil. "A crise gerada pelas hipotecas de alto risco nos Estados Unidos estará no centro no encontro anual do FMI", em outubro, disse Rato.

Efeito nos ricos

Entre junho e julho, a OCDE observou uma queda nos índices dos países ricos, de 0,2 ponto. Nos Estados Unidos, a queda ocorreu tanto em relação a junho como em comparação a fevereiro. Entre janeiro e junho, os índices americanos sofreram uma alta de 4,4%. Entre fevereiro e julho, o crescimento foi de 3,9%.

Na zona do euro, a queda também foi de 0,2 ponto em julho, comparado com um mês antes. No bloco europeu, a única taxa positiva foi registrada na França, de 0,1 ponto. O Reino Unido teve uma redução de 0,3 ponto, contra 0,4 na Alemanha. Na Itália, os índices apontam para uma queda real de 3,4% em julho em comparação a fevereiro, situação considerada como a pior entre as sete economias mais ricas do mundo.